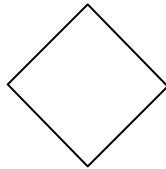


em bilingues



Ana Maria Roza Oliveira*

1. Introdução

O conceito de bilinguismo é complexo e pode envolver várias dimensões na sua definição, nomeadamente, a competência bilingue em usar duas ou mais línguas e o contexto em que elas são utilizadas. Falar em bilinguismo pressupõe de imediato múltiplas interpretações vindas dos mais variados quadrantes. Restringimos a definição de bilinguismo a duas vertentes: (1) encarar o bilingue como um falante com uma configuração única e específica, considerado como um todo (Grosjean, 1982; 1985) e (2) perspectivar o bilingue tendo em conta o papel desempenhado pela aquisição/aprendizagem da sua segunda língua. O bilingue está, segundo Dufour e Kroll (1995), num *continuum* de aprendizagem da segunda língua, sendo um perfeito conhecedor dela mas não necessariamente fluente nas duas.

Numa sociedade que tende para o multiculturalismo, com o aumento da migração dos povos e com a maior visibilidade das comunidades bilingues, não tem razão de ser falar de monolinguismo, se considerarmos o bilinguismo, não só a situação de perfeito domínio de duas ou mais línguas, mas toda a situação que envolve o falar línguas, seja em que situação for, como também não tem razão de ser a nível neuropsicológico nem a nível neurolinguístico falarmos de monolinguismo: o que existem são falantes que, independentemente de dominarem uma ou mais línguas, adoptam registos diferentes segundo as situações.

* Docente da Escola Superior de Educação de Viseu.

Por outro lado, a constatação de um aumento de falantes bilíngues em contexto escolar, desde o nível etário mais elementar e apresentando vários tipos de bilinguismo e a necessidade de saber lidar também com este tipo de situação, paralelamente ao ensino de outra língua, são factores que nos levaram, num âmbito multidisciplinar, em áreas como a neuropsicologia, a psicologia cognitiva e a psicolinguística, a estudar o modo como as línguas do bilingue estão representadas na rede cognitiva e o modo de acesso à informação lexical, factor que tem sido objecto de numerosos estudos que têm vindo a ser realizados nos últimos anos.

A pesquisa do bilinguismo, na Psicologia Cognitiva, é uma área relativamente recente, que está ligada com frequência a teorias, modelos e investigação provenientes de outras áreas e que tem vindo a constituir-se como um campo de investigação autónomo.

Ao nível da Neuropsicologia, nomeadamente, o estudo de bilingues permitiu que, contrariamente ao que era suposto, se encarasse o bilingue como um indivíduo com características próprias e não apenas como um duplo monolíngue. Esta constatação partiu, em grande parte, dos estudos levados a cabo em bilingues afásicos, cujo funcionamento e recuperação não se fazia de forma idêntica à dos monolíngues podendo continuar a utilizar, parcial ou totalmente, uma das línguas que dominavam.

2. Representação da linguagem nos bilingues

A especialização hemisférica para determinadas funções está largamente demonstrada, embora não possa ser encarada em termos absolutos. Na maioria dos indivíduos, as capacidades de linguagem dependem, sobretudo, da actividade do hemisfério esquerdo e as capacidades não-verbais visuo-espaciais e relacionadas com a música, sobretudo da actividade do hemisfério direito, bem como a percepção e a expressão de algumas emoções, embora neste caso a contribuição do hemisfério esquerdo seja importante.

Estudos realizados no âmbito da neuropsicologia da linguagem sugerem que os bilingues desenvolvem diferentes estratégias de processamento da informação, de acordo com o contexto de aquisição de ambas as línguas (Hamers & Blanc, 1989). Os estudos com afásicos políglotas (Paradis, 1978, 1983, 1989, 1993) continuam a ser uma referência, quer para a explicação da incapacidade de funcionar numa das línguas, quer para a sua subsequente recuperação que ocorre de modo diferente da perda e recuperação de outra

língua. Vaid e Lambert (1979) sugerem que haverá uma diferente organização cerebral do bilingue para cada uma das línguas e que as bases anatómicas para as duas línguas se sobrepõem parcialmente (Vaid, 1983). Será, contudo, simplista generalizar as conclusões obtidas em estudos clínicos para o comportamento normal.

A grande maioria dos estudos sobre o funcionamento neuropsicológico dos bilingues pretenderá responder às questões seguintes: (1) será o desenvolvimento neuropsicológico dos bilingues diferente do dos monolíngues?, (2) processarão os bilingues a informação nas duas línguas da mesma maneira ou desenvolvem mecanismos cerebrais específicos para cada uma delas?, (3) será que a idade de aquisição da língua desempenha um papel importante na determinação da dominância cerebral nos bilingues?, (4) será que o nível de competência na segunda língua influencia o envolvimento hemisférico no seu processamento?, (5) será que o contexto de aquisição e a exposição à segunda língua é relevante para determinar o grau de lateralização?, (6) que diferenças na estrutura de cada língua podem determinar o uso de ambos os hemisférios? e (7) que efeito podem ter as diferenças entre línguas a nível da escrita no funcionamento cerebral dos bilingues? (Hamers & Blanc, 1989).

A maior parte dos investigadores é consensual na atribuição, para a maioria dos falantes monolíngues, da dominância do hemisfério esquerdo para a linguagem. No que diz respeito aos bilingues, existe alguma controvérsia sobre a sua lateralização, propondo-se que haverá ou uma dominância do hemisfério esquerdo para as duas línguas, ou uma menor lateralização à esquerda para a linguagem nos bilingues ou ainda diferenças de lateralização nos bilingues para as duas línguas. Alguns estudos encontraram diferenças na direcção de um maior envolvimento do hemisfério direito (e.g. Hardyck, 1980; Carroll, 1980; Galloway & Scarcella, 1982; Piazza & Zatorre, 1981).

Grande parte dos investigadores neste domínio admite que não há diferenças de lateralização entre os bilingues e os monolíngues (e.g. Vaid & Hall, 1991), e que as que se encontram em alguns estudos se devem, provavelmente, a diferenças de método, de tarefas ou de características dos estímulos usados. Outros estudos tentam clarificar a representação hemisférica das duas línguas nos bilingues. Embora praticamente nenhum autor pareça aceitar a posição extrema, ou seja, a de que as duas línguas dos bilingues estão armazenadas em zonas completamente diferentes do cérebro, torna-se evidente que toda a experimentação feita neste domínio não é conclusiva, e factores como a idade e modo de aquisição, a ordem de aprendizagem da língua e outros factores específicos de cada uma são determinantes para as suas diferentes organizações cerebrais.

Por outro lado, é cientificamente aceite que as duas línguas no cérebro do bilingue são neurofuncionalmente independentes, podendo existir uma sobreposição de substratos neuronais, embora a nível anatómico a sua representação não seja distinta - isto é - áreas de linguagem: hemisfério esquerdo. Paradis (1997) vai defender que cada língua, no hemisfério esquerdo, está representada como se de um sistema modular se tratasse, fraccionável em termos de registos e de estruturas linguísticas. As palavras vão estar representadas separadamente para cada língua, como se tratasse de uma matriz de traços distintivos, incluindo especificações semânticas, e vão ser conectadas a um sistema comum de representações conceptuais. A mensagem, antes de ser codificada e decodificada em cada língua, não faz parte da competência linguística implícita mas de um sistema conceptual. Cada sistema linguístico pode ser dissociado do outro e ambos podem ser dissociados do sistema conceptual. Este autor afirma ainda que não foi identificada nenhuma função linguística que seja específica do bilingue. A alternância de códigos, a mistura de códigos e a tradução de uma língua para outra, podem ter correspondências no modo de funcionamento monolíngue. Os monolíngues podem mudar de um registo para outro (quando falam com uma criança ou quando falam com um juiz no tribunal, por exemplo), misturar registos ou construir paráfrases, usando, por exemplo, palavras ou registos sociolinguísticos diferentes. O conceito de monolíngüismo, na sua forma pura, é hoje considerado uma ilusão, porque estão em causa múltiplos registos possíveis e, tal como com os bilingues, o registo inapropriado também pode ser desligado (Berg & Schade, 1992).

Não parece haver, assim, nenhuma necessidade de postular diferenças entre as estruturas cerebrais e/ou mecanismos quer dos bilingues quer dos monolíngues. Embora o conteúdo possa ser diferente, os princípios pelos quais as línguas são representadas e processadas só diferem no grau de envolvimento dos vários subcomponentes a serem processados (Paradis, 1997).

3. Modelos de bilinguismo

A maior parte da investigação no domínio da representação das línguas do bilingue vai centrar-se no modo como as palavras e os conceitos nas duas línguas estão representados nos sistemas de memória lexical e conceptual.

Grande parte da investigação realizada neste âmbito manteve explicações vindas dos modelos, sobretudo da memória semântica, procurando verificar se no bilingue as duas línguas tinham representações partilhadas ou separadas.

Os modelos de bilinguismo desenvolveram-se de início a partir de estudos realizados sobre memória e tentaram dar resposta à questão de saber se as

representações dos significados das palavras, nas diferentes línguas, se encontram separadas ou partilhadas (noção de bilingue composto e bilingue coordenado). Por outro lado, sobretudo os linguistas preocuparam-se em analisar o modo como as palavras são codificadas e os princípios gerais que se aplicam, quer aos processamentos linguísticos dos monolíngues, quer aos dos bilingues. Mais recentemente, os autores põem de parte a polémica partilhado/separado, assumem que os conceitos têm representações partilhadas na memória e estudam sobretudo, o modo como as palavras, nas diferentes línguas, acedem a esse armazenamento conceptual.

Um dos modelos de bilinguismo mais estudados pela sua actualidade, o modelo hierárquico (e.g. Potter *et al.*, 1984) propõe que a representação da palavra se distinga da do conceito. Assim, para uma mesma representação conceptual existem duas representações lexicais específicas de cada língua.

Esta noção de uma representação conceptual única foi posta em questão realçando os autores que a compreensão das palavras na L2 é sempre mediada pela L1 o que pressupõe que exista sempre uma dominância de uma língua em relação à outra (e.g. Kroll & Sholl, 1992).

Numa outra perspectiva, Paradis (1987) defende que os armazenamentos lexicais contêm tanto a forma como o significado das palavras, de tal modo que a representação mental activada por uma palavra é diferente da activada pelo equivalente de tradução dessa palavra. Assim, nos bilingues existirá uma delimitação perfeita entre os conceitos em cada uma das línguas.

Segundo este modelo, um bilingue possui dois armazenamentos na memória, um para cada língua e uma representação conceptual comum mais geral. No entanto e contrariamente ao modelo hierárquico, nos dois armazenamentos lexicais estão contidos a forma (fonologia e propriedades sintácticas) mas também os significados das palavras. O armazenamento conceptual corresponde à experiência e informação conceptual do bilingue e contém representações mentais das coisas e dos acontecimentos. Cada item lexical determina que traços conceptuais são activados aquando do uso da palavra e activa igualmente um conjunto de traços conceptuais para obter uma representação mental do seu referente. A representação mental activada pelo item lexical diferirá da do seu equivalente de tradução, na medida em que são diferentes as características léxico-semânticas das palavras. Assim, se se pensar na palavra francesa *livre*, esta não activará igual representação mental que a inglesa *book*, considerada normalmente como seu equivalente de tradução. Se se pedir ao bilingue coordenado, por exemplo,

Bring me all the books which are in my desk
Apporte-moi tous les livres qui sont dans mon bureau

ele trará, no primeiro caso, livros e cadernos e, no segundo caso, só livros. Este facto é devido à perfeita delimitação que os bilíngues fazem do sentido dos conceitos em cada uma das línguas faladas. De acordo com este modelo, o bilíngue coordenado pode funcionar como um nativo nas duas línguas (Paradis, 1987).

Hagège (1996) ilustra os aspectos defendidos por Paradis (1987) em três hipóteses diferentes, mostrando o modo como a informação armazenada no cérebro é filtrada por cada língua (Figura 1).

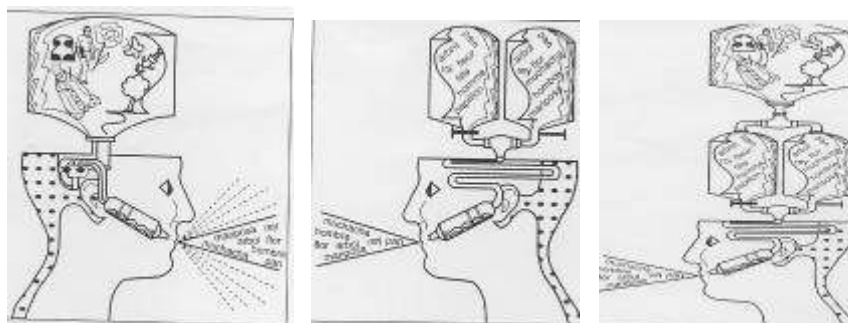


Figura 1 - Hipótese 1, 2 e 3 (Adaptado de Hagège, 1996)

4. Acesso ao léxico

Para se abordar o modo como os bilíngues acedem ao léxico pode levantar-se a questão de saber se cada aspecto da língua pode ser tomado separadamente. De facto, tudo indica que uma palavra contém vários tipos de informação a que correspondem diferentes representações na rede cognitiva que estão, contudo, conectadas (e.g. McClelland & Rumelhart, 1981; Rumelhart & McClelland, 1982). Assim, e de acordo com o modelo da activação interactiva do reconhecimento da palavra, existem três níveis de representação da informação da palavra que estão interconectados: o ortográfico relativo à letra, o lexical para a palavra e o conceptual para o significado. Além das conexões existentes entre estes três níveis existem, também, conexões no sistema semântico de tal modo que uma representação conceptual produz uma difusão da activação a representações conceptuais com ela relacionadas.

Admite-se que o bilíngue possui dois léxicos separados (Smith, 1997) surgindo a controvérsia, apenas, quando se trata de saber, nomeadamente, como esses dois sistemas se relacionam ou como se acede à representação conceptual

que pode, por seu turno, ser vista como uma ou dupla. A confirmação da existência de dois léxicos separados no bilingue veio, sobretudo de trabalhos realizados a nível da neuropsicologia e de estudos de *priming* de repetição.

Em alguns estudos realizados com pacientes bilingues afásicos (e. g. Paradis, 1977; Albert & Obler, 1978), verificou-se que (1) estes sujeitos podem deixar de funcionar numa das línguas e não ter perdas semelhantes na outra, (2) o mesmo indivíduo pode sofrer diferentes tipos de afasia em cada uma das línguas e (3) os padrões de recuperação para cada uma delas podem diferir. Estes factos apontam no sentido de se admitir que as duas línguas estão neurofuncionalmente separadas sem que isso implique que, do ponto de vista anatómico, a sua representação seja distinta ainda que servida por diferentes circuitos neuronais. Os sistemas linguísticos, particularmente, não apresentam uma lateralização distinta.

Relativamente às experiências de *priming* é, sobretudo, a partir das de repetição que se pôde concluir que os sistemas lexicais são separados. O *priming* semântico entre as línguas ocorre porque as duas línguas acedem a uma representação conceptual comum. Contudo, se ocorresse *priming* de repetição entre línguas significava que uma palavra e a sua tradução partilhavam alguma da sua representação mental. Segundo alguns autores (e.g. Jin & Fischler, 1987; Grainger & Beauvillain, 1988), este tipo de *priming* não é observado entre línguas dado que uma língua corresponde a entradas lexicais independentes. Embora os trabalhos utilizem diferentes metodologias, um dos processos mais usados no estudo do acesso ao léxico está relacionado com o reconhecimento, nomeadamente visual, da palavra. Esta abordagem permite analisar se, face à apresentação de uma palavra, o sujeito bilingue activa apenas um ou os dois léxicos em simultâneo e se a língua de apresentação é mais ou menos importante do que os seus traços lexicais, nomeadamente morfológicos ou ortográficos.

5. Alternância de códigos

É no estudo da alternância de códigos que reside o aspecto mais importante da pesquisa bilingue. A alternância de códigos é o uso alternativo de duas ou mais línguas na mesma situação de conversação. Sob este termo genérico, perspectivam-se diferentes formas de bilinguismo. A alternância pode ocorrer nos actos de fala de vários indivíduos durante uma conversação, nas elocuições dentro de um único acto de fala e ainda dentro de uma simples elocução (Milroy & Muysken, 1995).

Até aos anos 60, a literatura catalogava todos os fenómenos de contacto de línguas, observados na produção bilingue, como interferência (e.g. Weinreich, 1953). A partir dos anos 70, toda a investigação neste domínio se vai basear em modelos linguísticos do funcionamento da linguagem e em modelos cognitivos da memória.

Paralelamente a toda a controvérsia sobre o modo como os bilingues processam a linguagem, como a armazenam na memória, se possuem um ou dois léxicos e de que maneira são activados ou desactivados, os investigadores postularam a existência de uma comutação de línguas que permite ao bilingue utilizar ora uma ora outra, conforme estão num modo de fala monolingue ou num modo de fala bilingue. Assim, vários trabalhos de investigação em áreas como a linguística e a psicolinguística, a sociolinguística e a neuropsicologia, vão contribuir para o aprofundamento do estudo no âmbito da alternância de códigos e para a explicação dos processos subjacentes à utilização de mistura de línguas. Contudo, e dado tratar-se de uma área muito recente de investigação, quer a nível dos sistemas linguísticos do bilingue quer ao nível dos processos psicolinguísticos observados durante a percepção, compreensão e produção da língua (e.g. Muysken, 1995; Myers-Scotton, 1993, Romaine, 1989) verifica-se uma sobreposição de interpretações de fenómenos diferentes, que, aparentemente, parecem idênticos. Grosjean (1995), para justificar esta situação, apresenta o exemplo da palavra inglesa *baving* (do francês *baver - to dribble*) produzida num modo monolingue, que será provavelmente o resultado da intrusão da língua desactivada (o francês) na língua falada (o inglês), e considerada uma interferência. No modo de fala bilingue, este caso pode ser considerado ou uma interferência ou o acesso normal de uma palavra no léxico menos activado e a sua integração na língua de base (como se se tratasse de um empréstimo).

A maior parte dos bilingues alterna as línguas numa situação normal de discurso e esta alternância de códigos natural dura pouco tempo, não é arbitrária mas é baseada em regras (Clyne; 1980; Pfaff, 1979; Poplack, 1980). Pfaff (1979) defende que este comportamento é governado por restrições semânticas e estruturais, resultado natural da rede das duas gramáticas. Sridhar e Sridhar (1980) concluíram que os sistemas das duas gramáticas são separados mas interagem para formar frases com alternância de códigos. Clyne (1980) propôs que a alternância de línguas afecta apenas a estrutura de superfície da comunicação enquanto o significado das palavras e das frases é armazenado num nível metalinguístico mais profundo de representação. Poplack (1980) afirma que a alternância de códigos é um discreto modo de falar com uma gramática discreta das línguas constituintes.

No que diz respeito ao acesso ao léxico, Soares e Grosjean (1984) defenderam que os bilingues demoram mais tempo a aceder a palavras em situação de alternância de códigos, num modo de fala bilingue, do que às palavras da língua de base, num modo de fala monolíngue. Sugerem que, na alternância de códigos, os bilingues buscam as palavras primeiro no léxico menos activado, e só depois no da língua de base. Como já referimos aquando da apresentação dos modelos de reconhecimento da palavra nos bilingues, estes têm duas redes linguísticas (fonemas, sílabas, palavras, etc), ambas independentes e interconectadas. Independentes, uma vez que permitem ao bilingue falar só uma língua; interconectadas porque a fala monolíngue do bilingue mostra frequentemente que há interferência activa da outra língua e que os bilingues a podem usar alternando os códigos ou usando o léxico emprestado (Paradis, 1981, 1986, 1989).

Green (1986), baseado nos estudos sobre alternância de códigos e sobre afasias nos bilingues, afirmou que estes não podem simplesmente desligar e ligar as línguas quando o entenderem. Propõe que as línguas de um bilingue ou de um multilingue devem ter três níveis de activação: (1) selecção - a língua seleccionada controla o output da fala; (2) activação - a língua activa tem um papel importante na continuação do processamento, trabalha paralelamente à língua seleccionada mas não tem acesso ao canal da fala que está a ser usado pela seleccionada e (3) latência - a língua em repouso está armazenada na memória a longo-termo mas não tem um papel activo no processamento imediato da linguagem. Dependendo da situação, as línguas são seleccionadas, activadas ou postas em suspenso. Ainda segundo Green, uma língua está sempre latente e, algumas vezes, mais do que uma podem ser seleccionadas. Durante a produção da fala, as palavras que são escolhidas inicialmente são da língua seleccionada a partir da língua activa, se necessário, e eventualmente da língua latente como último recurso e com considerável perda de tempo. Contudo, este modelo não esclarece completamente o modo como a alternância de códigos se efectua. O estudo da gramática, através da noção de equivalência, vai tentar esclarecer esta questão.

Quando se fala na activação das línguas, refere-se não somente aos itens lexicais mas também aos lexemas e às unidades sub-lexicais, como as sílabas e os fonemas. A tipologia morfológica tem um papel importante na alternância de códigos devido ao envolvimento da estrutura interna das palavras assim como a equivalência tem para o estudo da alternância de códigos e da interferência lexical. A noção de que a equivalência de gramáticas de duas línguas facilita o seu uso pelo bilingue e tem interesse para os estudos da segunda língua e para os que são feitos sobre a alternância de códigos ou a interferência. Pode existir

equivalência de categorias (elementos lexicais, fonemas, estruturas de frases, traços morfo-sintáticos) ou de relações entre categorias (sintagmáticas - ordem da palavra na frase ou paradigmáticas-oposições equivalentes).

Numa outra perspectiva, Myers-Scotton (1995) vem defender o *Matrix Language Frame Model* para a alternância intra-frases. Este modelo baseia-se na suposição de que a alternância intra-frases é feita através de um conjunto de princípios linguísticos abstractos, presentes em diferentes comunidades linguísticas e baseados, possivelmente, em aspectos cognitivos. A explicação para a alternância de códigos ao nível das configurações de superfície reside nos processos de produção da língua com base no léxico. As estruturas gramaticais estão contidas em lemas, ou seja nas entradas abstractas no léxico mental de um falante (Levelt, 1989) e incluem os aspectos não fonológicos de um item de informação lexical. O nível conceptual, considerado o mais abstracto nível de produção da língua, é o responsável pela escolha dos lemas que vão ser activados. Assim, neste tipo de alternância de códigos, já está feita a decisão sobre que língua vai fornecer os lemas a serem activados. Quer no modo de fala monolíngue quer no modo de fala bilingue, a “forma” da elocução vai depender de considerações pragmáticas e socio-pragmáticas.

Uma comunidade linguística vastamente estudada no caso da alternância de códigos é a dos emigrantes hispânicos nos Estados Unidos que se tornaram igualmente anglófonos. É o caso da comunidade mexicana, os Chicanos, no oeste dos Estados Unidos e da comunidade porto-riquenha na costa atlântica. Poplack (1980) estudou a alternância de códigos na comunidade de Chicanos e o título do seu artigo é significativo: *Sometimes I'll start a sentence in English, y termino en Español: towards a typology of code-switching*. As pesquisas confirmam que o bilingue que usa códigos alternados com mais frequência, longe de ser considerado como se de dois monolíngues se tratasse, possui uma dupla competência que, segundo os casos, vai aumentando. A alternância de códigos deve mesmo ser considerada como um índice de uma elevada competência comunicativa em cada uma das duas línguas e não deve ser confundida com interferência. A primeira é um processo normalmente consciente enquanto que a segunda é um cruzamento involuntário entre as duas línguas. A interferência denota a aquisição incompleta de uma segunda língua, uma integração por empréstimo das palavras da segunda língua que são tratadas frequentemente com as mesmas regras da língua de empréstimo, quer a nível morfológico, quer a nível do comportamento sintático (Hagège, 1996).

Na alternância de códigos, as palavras ou grupos de palavras justapostas obedecem, umas, às regras de uma língua e as outras às da outra. Os falantes

bilingues distinguem perfeitamente os dois códigos, quer seja ou não consciente a sua utilização no discurso ou numa frase de palavras de outra língua.

Outro aspecto importante para o estudo do fenómeno da alternância de códigos é o modo como o bilingue adquire a sua segunda língua. Na aquisição da segunda língua, considera-se que as duas línguas são adquiridas de modo idêntico mas, no entanto, a simetria é raramente perfeita. De um modo geral, cada uma das línguas está ligada preferencialmente a determinadas pessoas ou actividades. Durante o desenvolvimento da criança, uma das duas línguas vai exercer forçosamente uma certa dominância sobre a outra. Este desequilíbrio pode estender-se a todos os domínios da comunicação, levando a língua menos privilegiada a apagar-se ou a resumir-se a funções muito restritas. Na aquisição de uma língua estrangeira, a dominância e a especificidade são, normalmente, ainda mais marcadas. O inglês é hoje falado como língua estrangeira por um número maior de locutores do que como língua materna, assumindo assim, funções específicas (Smith, 1983).

É difícil, no entanto, estabelecer um papel preciso para a dominância e especificidade de uma língua na aquisição, sobretudo no que diz respeito ao tratamento neurofisiológico. Poder-se-á dizer que cada frase é primeiro construída parcialmente na língua dominante e só depois traduzida e articulada na outra língua? O facto de notarmos, com frequência, influências da língua dominante na produção, leva-nos a aceitar esta teoria. Os locutores espanhóis têm tendência a dizer em francês: *un film que m'a plu*, mesmo sabendo que deveriam utilizar o *qui* mas auto corrigem-se quando alertados. Uma interferência deste género é difícil de explicar se não tivermos em conta que a produção desta frase implica, entre outras coisas, a formação de uma frase espanhola. O mesmo acontece com os locutores que falam com frequência uma língua estrangeira, utilizando quase inconscientemente estratégias de compreensão baseadas na língua materna e não na língua estrangeira (Bates, McNew, McWhinney, Devescovici & Smith, 1982).

Uma criança filha de um casal linguisticamente misto, no início da aprendizagem bilingue, entre os dois/três anos, tem mais uma mistura de línguas do que uma alternância. Contudo, à medida que a criança cresce, a mistura dá progressivamente lugar à alternância. Nesta fase etária, como o bilinguismo ainda não está perfeitamente estabelecido, constata-se que, na criança, uma das duas línguas é dominante, sendo 70% das palavras da outra língua aplicadas em frases e nomes e 30 % em verbos, adjectivos, pronomes e preposições (Vihman, 1985). A criança adquire primeiro as designações dos objectos, que nas línguas ocidentais são normalmente nomes, e durante a alternância de códigos recorre a esses nomes voluntariamente. Quando adulto, esta aptidão permite-lhe mover-se

de uma língua para outra durante uma troca verbal contínua, sobretudo em comunidades bilíngues, onde a coexistência de duas línguas é quotidiana. A escolha da alternância num bilingue supõe uma destreza igual nos dois códigos, quer a nível oral, quer a nível escrito.

6. Conclusões

O interesse crescente pela compreensão do modo de funcionar do bilingue, entendido hoje em dia como um indivíduo com características próprias e não somente como alguém que domina, somativamente, duas línguas, foi um dos aspectos que moveu o estudo que está subjacente a esta comunicação. Por outro lado, o facto de o domínio de várias línguas ser cada vez mais um aspecto característico dos povos, fez com se pensasse em ver colocadas algumas questões, nomeadamente relacionadas com o ensino/uso das línguas quer em situação formal quer em situação informal e as suas implicações, nomeadamente em contexto escolar. Um professor bilingue, um professor que ensina a sua segunda língua, ou um que ensina a língua materna a estrangeiros, poderão ter resultados diferentes em termos de aprendizagem dos alunos. Será interessante desenvolver futuramente esta questão dada a sua importância ao nível do ensino/aprendizagem das línguas e da comunicação alargada entre comunidades.

Ainda no contexto escolar e dada a importância, nomeadamente, da ortografia para a aprendizagem da leitura e da escrita, o facto de se constatar que, normalmente, os sujeitos bilíngues não apresentam mais dificuldades a nível do reconhecimento da palavra podendo, inclusivamente, beneficiar do acesso a um duplo léxico, pode trazer novos contributos para a aprendizagem das línguas mesmo que em níveis precoces de desenvolvimento. O ensino deverá prover, também, condições em que essas diferenças/vantagens do confronto de línguas possam ser rentabilizadas.

A alternância de códigos é outro aspecto que pode servir para analisar o contacto, a mistura e a evolução das línguas. A Escola, hoje mais do que nunca, deve incrementar a diversidade linguística e contribuir para que todas as crianças se tornem bilíngues ou multilíngues.

O estudo dos bilíngues enquanto falantes/ouvintes únicos e comunicadores de um tipo diferente deve ser encorajado e deve ter em conta o modo como o bilingue estrutura e usa as duas línguas, em situação de fala bilingue e monolíngue, acompanhando as suas necessidades comunicativas do dia-a-dia.

Por outro lado, trabalhos em que uma das línguas abordada seja o português, uma das mais faladas no mundo, pode beneficiar um número cada vez maior de países, especialmente os de expressão portuguesa. A evolução/renovação que, nomeadamente o português, está permanentemente a sofrer pelo contacto com outros povos necessita de ser melhor compreendida e o estudo dos bilingues poderá ser, também, um contributo para o atingir desse objectivo.

Referências

- ALBERT, M.; OBLER, L. (1978). *The Bilingual Brain*. New York: Academic Press.
- BATES, E.; McNEW, S.; McWHINNEY, B.; DEVESCOVICI, A.; SMITH, S. (1982) – Functional constraints on sentence processing: a crosslinguistic study. *Cognition*, 11, 245-299.
- BERG, T.; SCHADE, U. (1992) – The role of inhibition in a spreading-activation model of language production. *Journal of Psycholinguistic Research*, 21, 405-462.
- CARROLL, F. (1980) – Neurolinguistic processing of a second language: Experimental evidence. In SCARCELLA, R.; Krashen, S. (Eds.), *Research in second language acquisition*. Rowley, Mass: Newbury House.
- CLYNE, M. G. (1980) – Triggering and language processing. *Canadian Journal of Psychology*, 34, 400-406.
- DUFOUR, R.; KROLL, J. F. (1995) – Matching words to concepts in two languages: A test of the concept mediation model of bilingual representation. *Memory and Cognition*, 23 (2), 166-180.
- GALLOWAY, L.; SCARCELLA, R. (1982) – Cerebral organization in adult second language acquisition: Is the right hemisphere more involved? *Brain and Language*, 16, 56-60.
- GRAINGER, J.; BEAUVILLAIN, C. (1988) – Associative priming in bilinguals: Some limits of interlingual facilitation effects. *Canadian Journal of Psychology*, 42, 261-273.
- GREEN, D. W. (1986) – Control, activation and resource: a framework and a model for the control of speech in bilinguals. *Brain and Language*, 27, 210-223.
- GROSJEAN, F. (1982) – *Life with two languages: An Introduction to bilingualism*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.

- GROSJEAN, F. (1985) – The bilingual as a competent but specific speaker-hearer. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 6, 467-477.
- GROSJEAN, F. (1995) – A psycholinguistic approach to code-switching. In L. Milroy & P. Muysken (Eds.), *One speaker, two languages*. Cambridge University Press.
- HAGEGE, C. (1996) – *L'enfant aux deux langues*. Ed. Odile Jacob, Paris.
- HAMERS, J. F. ; BLANC, M. H. (1989) – *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge University Press.
- HARDYCK, C. (1980) – *Hemispheric differences and language ability*. Paper apresentado no Symposium on Neurolinguistics and Bilingualism. The Question of Individual Differences. Albuquerque, New Mexico.
- JIN, Y.-S.; FISCHLER, I. (1987) – Effects of concreteness on cross-language priming of lexical decision. Paper apresentado no Southeastern Psychological Association Meeting. Atlanta, Georgia.
- KROLL, J. F.; Scholl, A. (1992) – Lexical and Conceptual Memory in Fluent and Nonfluent Bilinguals. In R. Harris (Ed.), *Cognitive Processing in Bilinguals*. Elsevier Science Publishers.
- LEVELT, W. J. (1989) – *Speaking: From Intention to Articulation*. Cambridge, MA: MIT Press.
- McCLELLAND, J. L.; RUMELHART, D. E. (1981) – An interactive-activation model of context effects in letter perception, Part 1: An account of basic findings. *Psychological Review*, 88, 375-405.
- MILROY, L.; MUYSKEN, P. (1995) – Introduction: code-switching and bilingualism research. In L. Milroy & P. Muysken (Eds.), *One speaker, two languages: Cross-disciplinary perspectives on code-switching*. New York: Cambridge University Press.
- MUYSKEN, P. (1995) – Code-switching and grammatical theory. In L. Milroy & P. Muysken (Eds.), *One speaker, two languages: Cross-disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge University Press.
- MYERS-SCOTTON, C. (1993) – *Duelling languages: grammatical structure in code-switching*. Oxford: Clarendon Press.
- PARADIS, M. (1977) – Bilingualism and aphasia. In Whitaker, H. A. (Ed.), *Studies in Neurolinguistics*, n.º 3. New York: Academic Press.
- PARADIS, M. (Ed.) (1978) – *Aspects of Bilingualism*. Columbia, South Carolina: Hornbeam Press.

- PARADIS, M. (1981) – Neurolinguistic organization of a bilingual's two languages. In J. E. Copeland & P. W. Davis (Eds.), *The seventh LACUS Forum*. Columbia SC: Horn Beam Press.
- PARADIS, M. (1983) – *Readings on Aphasia in Bilinguals and Polyglots*. Montreal: Didier.
- PARADIS, M. (1986) – Bilingualism. In *International Encyclopedia of Education*. Oxford: Pergamon Press.
- PARADIS, M. (1987) – *The assessment of bilingual aphasia*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- PARADIS, M. (1989) – Bilingual and polyglot aphasia. In F. Boller & J. Grafman (Eds.), *Handbook of Neuropsychology*. (Vol.2). Amsterdam: Elsevier.
- PARADIS, M. (1993) – Linguistic, psycholinguistic and neurolinguistic aspects of “interference” in bilingual speakers: The activation threshold hypothesis. *International Journal of Psycholinguistics*, (2), 133-145.
- PARADIS, M. (1997) – The cognitive neuropsychology of bilingualism. In A. M. de Groot & J. Kroll (Eds.), *Tutorials in Bilingualism*. Psycholinguistic Perspectives. Mahwah NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- PFAFF, C. W. (1979) – Constraints on language mixing: Intrasentential code-switching and borrowing in Spanish/English. *Language*, 55, 291-318.
- PIAZZA, D.; ZATORRE, R. (1981) – Right ear advantage for dichotic listening in bilingual children. *Brain and Language*, 13, 389-396.
- POPLACK, S. (1980) – Sometimes I'll start a sentence in English and y termino en español: Toward a typology of code-switching. *Linguistics*, 18, 581-618.
- POTTER, M. C.; SO, K.-F.; VON ECKARDT, B.; FELDMAN, L. B. (1984) – Lexical and conceptual representation in beginning and proficient bilinguals. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 23, 23-38.
- ROMAINE, S. (1989) – *Bilingualism*. Blackwell Publishers.
- RUMELHART, D. E.; McCLELLAND, J. L. (1982) – An interactive-activation model of context effects in letter perception, Part 2: The contextual enhancement effect and some tests and extensions of the model. *Psychological Review*, 89, 60-94.
- SMITH, L. E. (1983) – *Readings in English as an international language*. Oxford: Pergamon Press.
- SMITH, M. C. (1997) – How do bilinguals access lexical information? In A. M. de Groot & J. F. Kroll (Eds.), *Tutorials in bilingualism: Psycholinguistic perspectives*. Mahwan, NJ, USA: Erlbaum Associates.

- SOARES, C.; Grosjean, F. (1984) – Bilinguals in a monolingual and a bilingual speech mode: The effect on lexical access. *Memory and Cognition*, 12, 380-386.
- SRIDHAR, S.; Sridhar, K. (1980) – The syntax of psycholinguistics of bilingual code mixing. *Canadian Journal of Psychology*, 34, 407-416.
- VAID, J. (1983) – Bilingualism and brain lateralization. In S. J. Segalowitz (Ed.), *Language Functions and Brain Organization*. New York: Academic Press.
- VAID, J.; HALL, D. G. (1991) – Neuropsychological perspectives on bilingualism: Right, left and center. In A. Reynolds (Ed.), *Bilingualism, multiculturalism and second language learning*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- VAID, J.; LAMBERT, W. E. (1979) – Differential cerebral involvement in the cognitive functioning of bilinguals. *Brain and Language*, 8, 92-110.
- VIHMAN, M. (1985) – Language differentiation by the bilingual infant. *Journal of Child Language*, 12, 2, 297-324.
- WEINREICH, U. (1953) – *Languages in contact. Findings and problems*. New York: Humanities Press.